3 1761 06185822 1

PQ
9261
G94P66
1858
c.1
ROBARTS

A POMBA

A POMBA

POEMA

AO REAL CONSORCIO

DE

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

DOM PEDRO QUINTO

COM

A AUGUSTA PRINCEZA

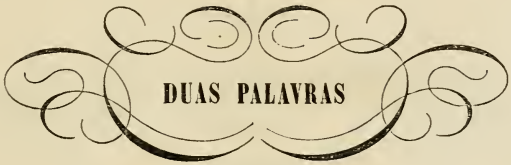
DONA STEPHANIA

POR

JOSÉ MARIANNO HOLBECHE LEAL DE GUSMÃO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1858

LIBRARY
AUG 2 2 2000
UNIVERSITY OF TORONTO



DUAS PALAVRAS

O assumpto d'esta minha obra é de si tão grande e tão maravilhoso, que só lhe podiam corresponder, na pompa e magestade, os Chateaubriands e Lamartines, com as suas pennas de oiro.

Não esperem, pois, os leitores encontrar aqui uma producção, que chegue ao heroismo, e muito menos á altesa do seu regio assumpto.—Faltam-me o talento e saber para tão subido empenho.—E meus pobres versos, se alcançarem a indulgencia publica, salvando-se da critica, será porque, apesar da sua muita pobresa, foram ungidos no altar da verdade, e com toda a crença d'alma.

Creio, porém, com a maior fé, que o throno de Portugal, pela summa bondade que hoje n'elle empunha o sceptro, aceitará a homenagem sincera de um portuguez, como o vasto oceano recebe o tributo do mais humilde regato.

O AUCTOR.

..... o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une!...
GARRET.

Amor!... doce expressão d'almos sentidos;
Terna palavra, aos corações tão grata,
Que defines do Céu magas delicias,
E que as deixas gosar na terra ao homem,
Nos braços da ventura, arfando amante!...

Amor!... filho do Céu, és divindade!...
E o teu grande poder os mortaes sentem
Em doces sensações, doces transportes;
Todos escravos teus por ti anhelam,
Beijando-te os grilhões, que amantes soffrem!...

Amor, ó expressão do Omnipotente,
Na terra e Céu, na vastidão do espaço;
Porque Deus é amor, ou d'elle a essencia!...
Amor, fogo do Céu, em que o Céu arde,
Abrasados de amor tem vida os anjos,
O seu Deus, o seu Rei, dos Reis Monarcha!...
Amor, nuncio do Céu, que o mundo encantas,
Ligando os corações, prendendo as almas,
Com laços divinaes, por Deus formados!...

Amor, que da virtude o facho accendes,
Sobre o altar conjugal, divino e santo,
Ouvindo o juramento a dois amantes,
Tão dignos, tão reaes, tão virtuosos,
Que um diadema do Céu lhes cinge a fronte!...

Cantar eu vou, amor, tuas virtudes,
Teu celeste valor, graças, encantos!...
Mas tão alto voar, qual sobem aguias,
Não sabe o trovador.—Tem frouxos versos,
Que a teu hymno chegar, amor, não podem!...

Magestoso Camões, plumado cysne,
Que, nas asas da fama eterna e pura,
Do Tejo para o Céu o vôo ergueste,
Deixando á tua patria eterno o nome,
No poema immortal da nossa gloria!...

Grandioso Camões, ó rei dos vates,
Que nas graças do Céu, de Deus em honra,
No alaúde de amor, de amor em chammas,
Cantas da Omnipotencia a Magestade,
Dadivando-te o Céu loiros sem conto!...

Teu vassallo soccorre, és meu monarcha,
Envia-me do Céu formosa lyra,
Teu estro e inspiração, tua poesia,
Teus versos divinaes!... O assumpto é magno,
E tão magno, que só egregios bardos,
Só Homeros, Horacios, e Virgilios,
No plectro de primor, em cordas d'oiro,
Obter lhe poderiam toda a gala,
Na clave do prazer, no enthusiasmo,
Jubilosos cantando, engrinaldados,
N'um sublime concerto de harmonias!...

É amor, com grinaldas no Céu feitas,
Unindo bello par, amantes regios,
Virtuosa Stephania, austera e pura,
Princesa a mais gentil, da Prussia a joia,
A Pedro Quinto, Rei de o ser tão digno,
Que esmaltando-lhe o throno a sapiencia,
No solio portuguez heroe se assenta,
Da civilisação empunha o sceptro!...

Nuncia eterna de Deus, pura verdade,
Franqueia-me os teus dons, sê-me propicia,
Que eu tenho de cantar, em fido canto,
Heroismo de amor, o mais celeste,
Em toda a perfeição, toda a virtude!...

E nas margens do Tejo embandeiradas,
Ao som de alegre salva, a mais festiva,
Retumbem de Camões os grandes versos:
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!...

E vós, patricios meus, ó portuguezes,
O meu canto acolhei com todo o agrado,
Crendo no trovador, que é verdadeiro,
Que da patria no altar a lyra empunha,
Abrasado de amor, por ella ardendo!...

FIM DO CANTO PRIMEIRO

CANTO II

AMOR

Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar engenho e arte!...
CAMÕES.

Fogo celestial, por Deus acceso,
Que abrasa o coração, que abrasa o peito;
Que em chammas de paixão, e enthusiasmo,
Da patria em casto amor incende as almas!...
Grande amor maternal, que o filho obriga
Pela patria a morrer, que é mãe querida,
Em milagres de gloria, em altos feitos!...

Amor da patria, amor tão glorioso,
Em que amantes o Céu os anjos cantam;
Amor, que o portuguez eterno deixa,
Em versos immortaes, n'alta epopéa,
Cantado por Camões nosso heroismo!...

E patriotico Rei, Dom Pedro Quinto,
De amor o mais sublime ardendo em chammas,
Da patria sobre o altar promette e jura,
Até á morte, o sacrificio todo,
Que possa a Portugal dar honra e fama!...

Illuminado Rei, das letras mimo,
Vê que inda o mór saber não sobra em nada,
Para um homem reger seus similhantes;
Um povo contentar, manter seu brilho;
E d'elle todo o amor ter o monarcha!...

Quer subir ao seu throno iniciado
Da magestade nos reaes deveres,
Estudando dos Reis toda a virtude,
Todo o vasto saber, que ao soberano
O diadema esmaltar precisa e deve!...

E Pedro Quinto é Rei, que justifica
Seu regio nascimento aos bons vassallos;
Que não se satisfaz, como imperante,
Com a corôa, que a fortuna, o acaso,
No berço lhe deitou, dando-lhe o solio!...

Deixa no throno o pai, regendo o reino,
Estimado Fernando, Rei bondoso,
Que mostra a Portugal, n'alta regencia,
O programma sem par dos bens da patria!...
E assim faz prever, sem custo, ao povo,
Quanto bello será sempre o reinado
De seu filho immortal, Dom Pedro Quinto!...

Ei-lo em aureo baixel, sulcando as ondas,
Içado o pavilhão no grande mastro,
Ledos sons musicaes no ar echoando;
Orgulhoso o oceano do argonauta,
Que da maior virtude a c'roa cinge!...

Considerando vae, pensando e vendo,
Quanto a navegação contém de riscos,
Como o homem no mar expõe a vida;

Mas a alma lhe arrebata ufana idéa,
De que o mortal, o barro, as vagas corta,
Que, pela arte e valor, vence a tormenta,
Que no ondoso elemento affoito lucta;
Que, n'um lenho a nadar, afronta a morte!...

Philosophando sabio, vê, descobre,
Da natureza sempre um ser mui debil
O homem; mas que a sua intelligencia
Da physica fraquesa o recompensa;
Que por meditação, continuo estudo,
Se apresenta senhor dos elementos,
E lhes põe ao furor pesado freio!...

Semi-Deus, n'este mundo, o homem julga,
Pela sua rasão e mór sciencia,
Com leme e véla, o marinheiro vendo
Do oceano a domar as furias todas;
Intrepido os monarchas excedendo,
Que perderam da grande nau do estado
A bussola, o governo, todo o rumo,
Da ignorancia em cachopos naufragando,
Na noite tão cruel das negras trevas!...

Alta conquista valeroso emprende,
Mas para a guerra não precisa tropas,
De bravos Scipiões regeita os loiros,
Pois não vae conquistar, a ferro e fogo,
Uma nação, nem algemar-lhe os pulsos,
Depois de a ter entregue ao saque, á morte,
Deixando-lhe abrasadas as cidades,
Em cinzas fumegando os habitantes!...

Famosa tropa o acompanha e segue,
E o sangue não fará jorrar dos homens,

Não fará derramar amargos prantos,
A ninguem custará pesado lucto!...
Das suas luzes é o grande exercito,
Que da civ'lisação, da paz, nos campos,
De novas luzes á conquista marcha,
Como sua contando co'a victoria!...

Reconhece que um Rei tambem é homem,
Que cadaver será como são todos;
Podendo demonstrar sómente apenas
Do seu sceptro a razão, quando elle vença,
Por seu raro saber, virtude rara,
Os mais homens, que tem por seus vassallos!...
E os ha de vencer quanto, n'um alvergue,
Longe está um zagal de um imperante!...

Não quer ser Rei vulgar, não se contenta,
Com a herança do solio magestoso,
Quando n'elle a virtude não resida;
A muita magestade, a gala e pompa,
Não o deleitam, não lhe importa have-las,
Se a sciencia os florões lhe nega ao sceptro!...

Attendendo á missão da realeza,
Recebida de um Deus, por ser monarcha,
Trata de cultivar o entendimento,
Em tão subido grau, tão grande escala,
Que apenas sup'rior no Céu lhe seja
O Rei dos Reis, seu Rei, o Omnipotente!...

Visitando da europa as côrtes todas
Enche de assombro os imperantes d'ellas,
Jubilados monarchas sobre o throno,
Que ficam de prazer como encantados,
Vendo no joven Rei, Dom Pedro Quinto.

Da civilisação todo o apanagio,
Talento, mór saber, toda a virtude!...

Seu sabio discorrer os Reis deleita,
Seu ingente saber invejam sabios,
Sua virtude excelsa os torna a todos
Presos logo de amor, amantes d'elle!...
Ficando todo o Rei por seu captivo,
No enleio do prazer, da sympathia,
Por maneiras civís, e magestosas,
Pela bondade regia e delicada,
Com que sabe agradar aos homens todos!...

Dom Pedro Quinto, o sabio, o virtuoso,
De todo o throno acclamações alcança;
Os applausos reaes da europa inteira!...
Pequeno Portugal achando todos
Para tão grande Rei, dos Reis modelo,
Moderno Salomão na sapiencia!...

Que prazer, portuguezes, que heroismo!...
Incensemos o Rei, que é digno e forte,
Inflammados de amor, e enthusiasmo!...
E a maior gratidão até á morte,
Que seu povo tornar pretende sabio
Gloriosa nação, ditosa gente!...

E terá Portugal, com Rei tão bello,
Na balança europea o maior peso,
Sendo ovante rival dos povos todos!...
Se outr'ora pelas armas foi famoso,
Muito mais deve se-lo ainda agora,
Pelas letras, por artes, pela industria,
Pois Pedro Quinto soberano timbra
Na ventura da patria, e sua gloria!...

Rei investigador, sabio estudando,
Observa no estrangeiro as cousas grandes,
Que a mór grandeza as nações elevam!...

Visita os atheneus, procura os doutos,
Ficando vencedor, em frente d'elles....
Da sciencia lhes mostra a chave d'oiro,
Resolvendo problemas tão custosos,
Que immurchavel laurel lhe alcançam logo!...

Soberano leitor, nas bibliothecas,
Nos livros de valor, nas obras primas,
Maravilhado antolha jubiloso,
Que o insigne escriptor não morre nunca,
Pois sempre na memoria dos viventes
Constante existirá seu grande nome!...
E que por isso sua gloria e fama
Ficarão immortaes sempre mundo
Na mente de seu povo, e todo o povo,
Em todo o Portugal, no globo inteiro!...

Entra artista real nas galerias
Da pintura immortal!... Arte divina,
Que retratando sempre a linda amada,
Curas no coração, no peito, n'alma,
Saudades de amor ao terno amante!...
Arte immortal, do Céu, de Deus, co'a força,
Que do sepulchro n'este mundo zombas!...
Que não deixas morrer os proprios mortos,
Apresentando heroes sempre na vida,
Muito embora, que vivos já não sejam!...

Da pintura elle estuda os raros quadros,
Prodigios do pincel, e da arte a gloria;
Prevendo que seus feitos hão de um dia

Desafiar pintores gloriosos,
Os Rubens, Raphaeis, e Caravagios,
Pinceis d'oiro, do Céu obtendo as tintas!...

Da querida harmonia sempre amante,
Nos salões musicaes concertos ouve,
Melodias do Céu, que a alma arrebatam!...
Joia, nuncia de Deus, musica bella,
As tuas sensações deleitam tanto,
Que encantado o mortal, pela harmonia,
Julga subir ao Céu, ouvir aos anjos
Os canticos de amôr, que a Deus consagram!...

Estudando o primor, toda a belleza,
De arte tão divinal, que o mundo encanta;
Crê, com razão, que os mais famosos mestres,
Mercadantes, Rossinis, todo o Verdi,
Tem que lhe dedicar, com toda a pompa,
Á sua illustração um hymno eterno!...

Os grandes arsenaes El-Rei visita,
Observa a construcção dos grandes vasos,
Dos fortes baluartes navegantes;
Estuda as fundições, estuda as armas;
Fabricas vê, as officinas todas,
Das artes a grandeza encara attento;
Sabio investiga tudo, e tudo aprende!...

E alcançando, alfim, o grande arcano
Das sciencias, das artes e commercio,
Do progresso real, de toda a industria,
De toda a illustração toda a virtude,
Que desquita as nações do abatimento,
Que as dessepulta sempre da ignorancia,
Que da barbaridade as livra sempre,

Fazendo-as florecer, no brilhantismo
De mór prosperidade, n'alta gloria,
O viajante Rei, Dom Pedro Quinto,
A conquista immortal alcança e goza!...

E qual um Cesar, grande heroe romano,
De soldados leões á frente ovante,
Nos campos marciaes colhendo sempre
Do valor os tropheus, da gloria os loiros,
Pedro Quinto, c'o exercito famoso,
Cohortes immortaes de eternas luzes,
Vencendo a illustração, as luzes vence,
Na França, na Inglaterra, em toda a europa!...

Seu heroismo é justo, é bello e puro,
Corôa laurea não lhe adorna a fronte,
De guerra triste emblema, sangue e morte;
De oliveira pacifera se enrama,
Que é symbolo de paz, e da harmonia!...

Tão coroado heroe, o Rei dos lusos,
Lá da Prussia no reino magestoso,
Na virtude e valor, e toda a gloria,
Por belleza monarcha combatido,
Prisioneiro de amôr grilhões arrasta,
Beijando da prisão os magos laços,
Que, de flores do Céu, de Deus um anjo,
Nas graças do surrir, lançar-lhe soube!...

Se a morte, se a pensão pelo peccado,
Que todos no viver pagar havemos,
É justa, tão egual, no pobre alvergue,
E no paço real da magestade;
Levando sempre o Rei como seu povo,
Vida, esp'rança d'amôr, toda a ventura,

Domina o coração de todo o homem,
Avassallando o Rei como os seus subditos,
Com o sceptro do Céu, que Deus lhe outhorga!...

Donzella angelical, pomba em candura,
Da Prussia a mais gentil pura Princeza,
Da preclara Hohenzollern, casa illustre,
Na magestade antiga, e na virtude,
Torna-o morto de amôr com seus encantos,
E ama-a vassallo seu, sendo monarcha!...

E o bello Rei, Pedro Quinto,
Acclama sua paixão,
Desposando uma Princeza,
Que segue a religião
De Christo crucificado,
Livrando-nos do peccado!...

Tem a mesma fé e esp'rança,
Lá no calvario, na cruz,
Morrendo, em ancias de amante,
Pela morte de Jesus;
Adorando o Redemptor,
O divino Salvador!...

Princeza, bella Princeza,
Cherubim da divindade,
Toda graça da virtude,
De Deus perola ou deidade;
Do mundo e Céu perfeição,
Que merece adoração!...

Princeza sem rival entre as Princezas,
Stephania, anjo de Deus, anjo de graças,
Paraiso de amôr, do Céu co'as flores!...

No riso do prazer acceita amando,
A promessa de amor, do matrimonio,
A El-Rei de Portugal, que a estima tanto,
Que ama primeiro a Deus, depois a patria,
Logo a ella depois!... Deus, Patria, e Stephania,
São para o peito seu, sua alma regia,
Tres amores, amores mui distinctos;
Mas n'um só puro amor, que é verdadeiro,
Trindade da paixão e da virtude!...

Parabens á Princeza, a gloria é grande!...
Ovante campeão, sem quebrar lanças,
N'um torneio de amor, Dom Pedro Quinto,
Da civilisação na bella arena,
Lhe alcança a linda mão, dando-lhe em premio
O heroismo, o brasão da sua gloria,
C'rôa de Portugal, que lhe orna a fronte,
C'rôa de illustração e da virtude!...

E de seu regio amor ella é tão digna,
Que elle volvendo ao reino, a seus vassallos,
Monarcha apaixonado amante enfeita
De saudades de amor o altar da patria,
Que ha de duplicar ventura, e gloria,
Sendo ella, em Portugal, nossa Rainha!...

E o povo portuguez, tudo esperando
Das virtudes reaes do seu monarcha,
Pelos Reis coroado, em toda a europa,
Com grinaldas, florões da sapiencia,
Lhe faz a acclamação com tanta pompa,
Com tanto regosijo, gala e jubilo,
Como acclamado foi Dom João Quarto,
Gran Restaurador da monarchia,
Que livrou Portugal, dando-lhe gloria!...

E Pedro Quinto, Rei dos portuguezes,
Sobe ao throno real dos seus maiores,
Da civilisação empunha o sceptro!...

E nas margens do Tejo embandeiradas,
Ao som de alegre salva, a mais festiva,
Retumbem de Camões os grandes versos:
Cesse tudo, que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!...

FIM DO CANTO SEGUNDO

CANTO III

CIVILISAÇÃO

Que se espalhe, e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso!...
CAMÕES.

Que arbusto divinal no mundo eu vejo!...
De verdadeiro amor que bello arbusto,
Dando flores do Céu, fructos divinos!...
Da vida social raiz, cimento,
Plantado por um Deus crucificado,
Por da culpa salvar culpados homens!...

E sempre has de medrar bemquisto sempre,
Ó arbusto de amor e liberdade,
Porque Deus te regou, de seus martyrios,
Sobre a tua raiz, correndo o sangue,
Para sabio illustrar os homens todos!...

Maria excelsa, com seu regio esposo,
São, na virtude, tuas raras flores!...
Tão raras ellas são, que foi seu fructo
O sabio, o immortal Dom Pedro Quinto,
Na aurora do viver, em verdes annos,
Modelo, em Portugal, dos Reis do mundo!...

Gloria á civ'lisação, louvor eterno!...
Mas seus dotes cantar não podem vates;
Cantar-lhe seu louvor só cumpre aos anjos!...

Filha do Céu, Rainha na virtude,
Nuncia de todo o amor do Omnipotente,
Que segues da rasão as leis sagradas,
Mostrando da verdade a luz celeste,
Que das trevas, de horror, liberta o mundo!...

Enviada do Céu, por Deus mandada,
Para actos infernaes banir da terra,
Em que os filhos de Adão penavam sempre,
Em torturas crueis, entre verdugos,
Carregada de lucto a humanidade!...

De Deus, do Redemptor, ó mensageira,
Toda religião, toda bondade,
Que, instruindo os mortaes, os fraternisas;
Fazendo amar o Rei os seus vassallos,
Como o supremo Pae seus filhos ama!...

Salve, civ'lisação, que nos poseste
No throno portuguez teu filho Pedro,
Pedro Quinto, immortal na sapiencia,
Rei, imagem de Deus, celeste sceptro
De virtude, de amor e liberdade!...

Liberdade, és do Céu joia querida,
De Deus no coração tens o sacrario;
És fonte de virtude, ou d'ella origem!...
E de ti o bom Pedro é fido amante,
Que hoje da illustração te erige o templo,
Das columnas do Céu, da sapiencia,
Em todo o Portugal, absorto o mundo!...

Monarcha sem egual, entre os monarchas;
Profundo no saber, grande em talento,
Do evangelho adorando a lei divina,
O codigo de amor e da ventura,
Elle ensina a reger os imperantes,
Mostrando que os vassallos flagellados,
Por dura escravidão, seu Rei detestam
Tanto como do inferno os negros tratos;
E que o amam por dever, vivendo livres,
Regidos pelo sceptro de clemencia,
Sceptro, typo de amor, de graças typo!...

Aos monarchas mostrando, virtuoso,
Que os homens todos têem no mesmo tronco
Sua origem, que irmãos são elles todos;
E que Deus, entre o Rei e seus vassallos,
Quer que exista união, amor, verdade!...

Mostrando, que a cadeia, que unir póde
Todo um povo fiel ao Rei querido,
Não pertence ao terror, nem despotismo;
Mas sim da sympathia ao doce laço,
Formado pelo amor e confiança!...

E desgraçado o throno, se o defendem
No patibulo o algoz, e a tyrannia,
Que faz rolar no chão cabeças d'homens!...
Neros, tygres, leões, baqueiam sempre;
De cada execução, de cada victima,
Avançam p'ra o sepulchro um largo passo!...

Que magnanimo Rei, que heroe preclaro!...
Pedro Quinto, por Deus abençoado,
No throno liberal dos portuguezes,
Que por armas reaes tem essas armas,

Que Deus, no Céu, mostrou ao grande Affonso,
Ao luso fundador da monarchia!...
De sua patria o amor lhe abrasa o peito,
Elevando o seu reino a tanta gloria,
Tornando o povo seu tão venturoso,
Que adora a Deus no Céu, Pedro na terra,
Modelo, em Portugal, dos Reis do mundo!...

Esse alegre planeta magestoso,
Dos planetas o Rei, e pai do dia,
Que de purpura e gala esmalta as flores;
Esse astro bemfasejo e luminoso,
Que dá ao mundo a luz, dando-lhe a vida,
Não contém no esplendor mais brilhantismo,
Que a radiosa c'rôa de alta gloria,
Que cinge a fronte de Maria ao filho,
Neto do Imperador, do grande Pedro,
Que foi martyr de amor, no altar da patria!...

Instruido monarcha, Pedro Quinto,
Sabe que homens reger um homem póde,
Da civilisação no excelso throno,
Dando-lhes o saber, Mentor ser d'elles;
Esmaltando-lhe a c'rôa os ricos loiros
De regio fundador de regias aulas,
D'onde os mancebos uteis sempre sáiam
Á sua terra, a si, á sociedade!...

Da optima educação monarcha amante,
Com mór prazer á custa de seus cofres,
Lyceus estabelece á juventude;
Com a sua presença os honra sabio,
Premios distribuindo a seus alumnos,
Que pela applicação mais se distinguem!...
Olha attento a instrucção, toda a doutrina,

Medicina moral tão milagrosa,
Que sobre irracionaes eleva o homem,
Sendo elle um animal o mais temivel,
Quando á sua rasão falte a cultura!...

Reconhece que um mestre, em sua escola,
É verdadeiro heroe, tem toda a gloria,
Quando elle de missão tão importante
Todo o preceito cumpra, apresentando
Os discipulos seus tão doutrinados,
Que amem Deus, patria e Rei, e todo o proximo,
Pelas maximas santas da verdade,
Que da cadeira lhe escutaram sempre!...

Quer com Religião todo o seu povo,
Na lei do Redemptor, na lei divina,
Que harmonisa os mortaes, cá n'este mundo,
Vivendo em todo o amor elles ditosos;
Que do triste viver as penas cura;
Que, na esp'rança de Deus, nos faz felizes;
Que alfim, depois da morte, o Céu nos abre,
Onde iremos viver tão venturosos,
Ante o throno de Deus, eternamente,
Na gloria divinal, que os anjos gosam!...

Virtuoso monarcha não supporta
O theatro de horror, da impiedade,
Que em scenas immoraes o inferno mostra!...
Do homem a perdição na vida e morte,
E alem da sepultura!... Desgraçados,
Que só crêem na materia, que estão cegos,
Não vendo da rasão a luz celeste,
Que nos demonstra um Deus, o Omnipotente,
Da creação no quadro o mais pequeno!...
Nos gosos materiaes almas perdidas,

Loucos que não observam, no universo,
Sempiterno o poder, e a magestade,
Do eterno Creador, de um Deus divino!...

Toda a gloria do Céu a Pedro Quinto,
Que acclamando a moral, Rei sapiente,
Da civilisação accende o facho,
Com divino esplendor, mostrando ao mundo,
Que um sceptro liberal é virtuoso,
Que só deve reger, de um Deus nas graças,
Um povo liberal, dado á virtude!...

Temendo a negra mãe de tantos crimes,
A ignorancia do horror motora sempre,
Que tanto avilte o Rei como o vassallo,
Despota tão cruel fazendo a ambos,
Com o maior affan emprega sabio
Da sua illustração o grande impulso,
A fim de iniciar todo o seu povo,
Na virtude immortal da liberdade,
Para que no seu templo fiquem presos
Os seus vassallos, adorando-a tanto,
Quanto o seu Rei, tão liberal, a incensa!...

Mui virtuoso Rei justo conhece,
Que um povo liberal, sendo-o deveras,
Escravo da virtude é mui constante,
Que apenas para o bem sómente é livre;
Sendo o seu exemplar o seu monarcha,
No throno liberal, sem liberdade,
Que profane a real soberania,
Que Deus lhe conferiu cá sobre a terra!...

Toda a gloria do Céu a Pedro Quinto,
Monarcha liberal, tão virtuoso,

Que, em seu throno real, detesta, odeia
O negro despotismo mascarado,
Por medonhos dragões da hypocrisia,
Com vestes liberaes, que tão tremendo,
Na fanatica Grecia, em evos priscos,
Ao egregio valor, e alta virtude,
Aos seus heroes, aos Socrates famosos,
O ostracismo e a cicuta dava em premio,
Triste exilio, o veneno, afflicta morte!...

Toda a gloria do Céu a Pedro Quinto,
Que, pelo seu saber, tão grande e raro,
Que, de seu coração pela bondade,
Execra da anarchia as furias todas,
Da licença, sem freio, os desacatos
Feitos á liberdade por um povo,
Inda que, em holocaustos tão horriveis,
Os Brutos e Catões martyres sejam!...

O Rei glorifiquemos, portuguezes!...
Monarcha sem rival, Dom Pedro Quinto,
Que enfreou das paixões toda a violencia;
Que da alta auctoridade, que elle exerce,
Sobre seus similhantes, mostra a prova;
Que busca o bem estar de seus vassallos,
Que os conduz da virtude pela estrada,
Tão glorioso Rei, illuminado,
Prototypo do Céu, ou Deus na terra!...

Da civ'lisação tambem existe,
Rarissima na Prussia a formosura,
Da bondade o thesouro!... uma Princesa,
Que no throno real dos portuguezes,
Com as flores de amor e da virtude,
Amante ha de bordar o rico manto

Da gloria e illustração, da eternidade,
Ao esposo immortal, Dom Pedro Quinto!...

Linda flor a mais mimosa,
Rosa de toda a bellesa,
No jardim da primavera,
Portento da natureza!...

É da Prussia
A perfeição,
Causando ao mundo
Admiração!...

Nos encantos e virtude,
E do Céu uma beldade;
Não é Princesa, é Rainha,
Que merece a magestade!...

É da Prussia
Joia real;
Sua bondade
É immortal!...

Deve ter tão regio throno,
Diadema tão brilhante,
Que todo o Rei d'ella seja
Seu vassallo sempre amante!...

É da Prussia
Todo o primor;
É das Princesas
Luz, esplendor!...

Filha digna de Carlos, bello Principe
Da Prussia, na virtude primoroso;

Filha digna da excelsa Josefina,
Da Princesa do Céu, por Deus dotada;
Stephania tão gentil, tão virtuosa,
Cherubim do Senhor cá sobre a terra,
Demanda culto, templo, altar e throno!...

Salve, civ'lisação, que o teu arbusto,
Frondoso cada vez mais n'este mundo,
Zombando do furor da impiedade,
Dos dragões infernaes contra os humanos,
Que derriba-lo têem querido sempre,
Para no seu logar plantarem, barbaros,
Arvore da oppressão nefanda e triste,
Que os negros pomos dá do despotismo,
Dadíva muita flor, de Deus tão digna,
Que seu fructo do Céu virtude ostenta!...

E teu filho real, Dom Pedro Quinto!...
Corôam-no immortal tantas virtudes,
Que seu egregio nome será lido,
Com mór veneração, com mór respeito,
Nos soberbos annaes da heroicidade!...
Tendo toda a nação civilisada
Dever de levantar um monumento,
Grandioso padrão, á sua gloria!...

Epilogo é real de alta virtude,
Que adornou os monarchas já passados,
Que do seu Portugal, Reis sobre o throno,
Grangearam o amor de seus vassallos,
Do heroismo os padrões legando á patria!...

Mas que phenomeno tão grande e raro,
Que causa admiração de toda a europa,
Do mundo, do oriente ao occidente!...

Monarcha tão novel, Dom Pedro Quinto,
Da vida em toda a força, em todo o fogo,
Que inflamma o coração da juventude,
Nas chammas da paixão e do delirio,
Que ao precipicio a mocidade arrasta,
Nos gosos da materia, tão traidora,
Que esses prazeres seus, que nos encantam,
Na taça da illusão veneno occultam,
Que alfim a consciencia martyrisa,
Com remorso infernal, equuleo d'alma;
Immola a seducção á dignidade,
Fecha seu coração ao materialismo,
Entregando á virtude sempre a chave!...

Qual seguro baixel, que se envolvendo
No mais tremendo veu de escura noite,
No procelloso mar presa das ondas,
Ao som de mil trovões, n'altas manobras
Toda a tripulação, com toda a força,
Temendo naufragar, morrendo todos,
Busca logo o pharol, que brilha ao longe,
A salvadora luz dos marinheiros,
Quando o Céu acoberta toda a estrella:
Pedro Quinto na grande nau do estado,
Do mundo no oceano tormentoso,
Em que tantos mortaes nadando acabam,
De funestas paixões nas tristes ondas,
Rei virtuoso naufragar não póde,
Tem sempre o seu pharol no throno acceso,
Da verdade e rasão a luz divina!...

Crê, provando, que um Rei não deve nunca,
Como os mais homens, ser tão fraco e fragil,
Pois d'elles, por dever de preeminencia,
É o espelho, o exemplar e toda a norma!...

E uma nodoa qualquer de humilde andrajo
É uma nodoa eterna em regio manto;
Pois são do throno os lumes tão brilhantes,
Sob o regio docel da magestade,
Que o defeito menor mostram ao sceptro!...

É monarcha inda joven Pedro Quinto;
Mas pundonor, moral, toda a virtude,
Enchem-lhe o coração, honram-lhe a vida!...

Educaram-no sempre em sã doutrina,
E, o que aproveita mais, com sãos exemplos;
Evitaram-lhe o ser dominio e preza
Do magnetismo vil dos lisongeiros,
Que, sem remorso de funesto crime,
Lá nos paços reaes, pelo interesse,
Em thuribulos d'oiro incensos queimam,
Sacrificando os Reis e os povos sempre!...

Gloria á educação rica, esmerada,
Que sua digna mãe, das mães a joia,
A segunda Maria, a virtuosa,
Mimo da illustração e da virtude,
E que seu bello pae, charo Fernando,
Bondoso Rei, Rei popular e artista,
Que teni de Portugal as sympathias,
Merecendo um padrão sua regencia,
Com extremoso amor lhe deram sempre!...
Ensinando a seu filho, que um monarcha
É homem, qual pastor, physicamente,
Podendo-se extremar só dos mais homens,
Pela parte moral, quando elle exhiba
Todo o saber, do Céu toda a virtude,
Cumprindo no seu throno glorioso
Os preceitos reaes da magestade!...

Salve, civ'lisação, que te devemos
Pedro Quinto, monarcha, que seguindo
Maximas divinaes, tua verdade,
Ufana de Portugal o egregio reino,
Elevando-o a tão grande gloria agora,
Que já no Céu existe a nossa fama!...

Hymno ao joven monarcha tão famoso,
A'El-Rei de Portugal, a Pedro Quinto,
Que por tanto saber, vontade e genio,
Conhecendo que a gloria verdadeira
Não é o nascer Rei, subir ao throno,
Pôr a c'rôa, trajar purpureo manto,
Que é só sabe-lo ser, empunha o sceptro
De virtude, de amor e liberdade!...

Viva a civ'lisação, e Pedro Quinto,
Que corresponder sabe a tanto jubilo
Da regia acclamação tão esp'rançosa,
Que lhe fez o seu povo!... e corresponde,
Modelo em Portugal dos Reis do mundo!...

E nas margens do Tejo embandeiradas,
Ao som de alegre salva, a mais festiva,
Retumbam de Camões os grandes versos:
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!...

FIM DO CANTO TERCEIRO

Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Vivirão teus louvores na memoria!...
CAMÕES.

Em nuvem côr do Céu, de oiro esmaltada,
Formoso anjo de Deus, cheio de graças,
Á terra desce, illuminando o mundo,
Com divino esplendor auri-fulgente,
Do Sempiterno a luz franqueia aos homens!...

Mostra-lhe o Rei, um Deus humanisado,
Da grande illustração primeiro facho,
O martyr Redemptor da humanidade!...
Jesus Christo, que vem com o seu sangue
No calvario sellar, na cruz morrendo,
Em martyrios de amor, a paz aos homens!...

A paz!... filha do Céu tão predilecta,
Que no mundo custou a Christo a morte!...
Do cordeiro de amor immaculado
Precioso penhor!... de Deus o mimo!...
Constante talisman da sociedade!...
A paz, celeste paz!... oh que harmonia!...

E Pedro Quinto, heroe tão verdadeiro,
Por sua illustração, sua bondade,
Estima tanto a paz, amando-a tanto,
Que d'elle o diadema é puro e bello,
Manchado não está de sangue humano!...

Monarcha tão novel, dado á virtude,
Á espada não deve a sua gloria,
A feitos de Alexandres mui cantados,
Que são falsos heroes os fratricidas;
Muito embora elles tenham ricas c'rôas;
Seu diadema é de paz, é de clemencia!...

Guerra, raivosa serpe do peccado,
Furibundo dragão, do inferno monstro,
Que accendendo os mortaes em negras furias,
Apresentas de horror o mesto quadro
Do irmão matar o irmão!... e sem remorso!...

E quem mata e não morre heroe se acclama,
De loiros da victoria a fronte adorna,
Ao som de bandas, que tocar devendo,
Só marchas funeraes, que acompanhassem
O soldado infeliz á sepultura,
Enluctado o tamber de negro crepe,
Por desgraçados filhos, tristes orfãos,
Lacrimosa viuva a mãe gemendo,
Engrinaldadas tocam jubilosas,
O hymno festival da sua gloria,
Tremulando os trophéus d'esse heroismo,
Que encara tanto horror a sangue frio!...

Gloria ao joven Rei, Dom Pedro Quinto,
Que emprega a penna no logar da espada;
Penna em todo o saber abençoada,

Que torna Portugal ditoso reino,
Nas delicias da paz, da liberdade!...

Nas graças do louvor, no augusto templo,
Do globo todo o bardo, no alaude
Enflorado pelo amor pomposamente,
Cante o Rei immortal, o Rei modelo,
Que dando a illustração aos seus vassallos,
As discordias civís prudente acaba,
D'elles fazendo uma familia apenas,
De que é benigno pae, de que é monarcha!...

Harmonisando o povo, as classes todas,
Dos annels sociaes fórma a cadeia,
Cadeia de união, que é mãe da força,
Que sustenta no mundo todo o imperio,
Inda que mil embates elle soffra,
Regenera a nação, em campo, em guerra,
Politicas facções de escudo armadas,
Que nas feias batalhas da miseria,
No accesso das paixões, sepulchro patrio,
Pela cega ambição se gladiavam!...

Monarcha, todo amor de seus vassallos,
No interesse commum a todos prende,
Com os laços do Céu, que os presos beijam,
Com laços da razão e da justiça,
No circulo da lei e da igualdade!...
Primeiro cidadão, bello monarcha,
Como grande exemplar de seus vassallos,
Ficando elle tambem um livre preso!...

Igualdade é do Céu!... oh que virtude!...
Que até Deus igualou a todo o homem,
Flagellado na cruz pelos verdugos,

Morrendo, porque os homens todos morrem!...
O martyr Redemptor lá no calvario!...
Igualdade!... de Deus divina chave,
Que abre as portas do Céu aos peccadores!...

Qual harpa de David tão milagrosa,
Que do Céu, em suaves melodias,
Ao peito de Saul tirava as furias,
Sua penna, pod'rosa em sapiencia,
No solo portuguez, formosa terra,
Prodigio singular opera logo!...
Finalisam Cains, acabam Romulos,
Contra os irmãos desapparecem iras,
Reina a doce união nos portuguezes!...
Fluctuando da paz aureo estandarte,
Da civilisação no excelso throno,
Pedro Quinto, qual Deus, empunha o sceptro!...

Não ha lyra, que chegue a tanta gloria;
Não ha pincel, que retrata-la possa;
Toda a epopeia ficará mui longe,
Toda a tella tambem o mais distante,
De virtude tão rara e magestosa!...

Pacifico monarcha apaga prompto
Politicos volcões na sua patria,
Que a ruina faziam de seu povo!...
Desunião fatal, que dava em fructo
Pranto da illustração, da liberdade,
Por funestas paixões desacatada,
Profanando-lhe o altar de irmãos o sangue!...

No peito portuguez accende as chammas
Da celeste harmonia, da irmandade;
Desquita Portugal de excessos loucos,

Da assanhada ambição todo o partido!...
Inaugura a fusão nos portuguezes,
Quer ver todos irmãos, porque o são todos;
Tendo a mesmo pendão toda a familia,
De que é Rei, sempre pae, constante amigo!...

Da associação ao templo elle abre as portas,
Com a chave real do patriotismo!...
Logo sabios, artistas e operarios,
Se reunem nas suas assembléas,
Brilhando do progresso as bellas luzes!...

Em todo o Portugal, todas as classes,
Juntas do coração, unidas d'alma,
Jurando amor, amantes da igualdade,
Trabalham noite e dia, a toda a hora,
Com o maior afan para o edificio
Da civilisação e do fomento,
Que se erige na terra em que nasceram!...

E Pedro Quinto á frente d'ellas sempre,
Seu regio protector, grande operario
Da cadeia social, communicando
Sempre electricidade aos anneis todos,
Como o primeiro d'elles, da alta gloria
Colhe as flores, e a c'rôa d'ellas orna,
Em seu throno de paz e de igualdade!...

Um capitolio havia em Roma antiga,
Aonde tremulava uma bandeira
De falsa liberdade, farta em crimes,
Casada com o horror do despotismo;
Mas hoje Portugal famoso ostenta
Em seu throno real, docel das graças,
O grande capitolio da virtude!...

Onde impera de Deus a liberdade,
Dando os fructos do Céu aos portuguezes!...

Prestante cidadão, Rei illustrado,
Em seu reino natal, por que elle morre,
Velozes largas azas ao progresso!...
As sciencias, ás artes, toda a industria,
Começam a reinar no seu reinado;
Ufano Portugal a par hombrea
Com todas as nações civilisadas!...

Amado do seu povo, porque o ama,
Por gratidão de amor, que n'elle encontra;
Querido da nação, que lhe deu berço,
Porque é filho leal, que á mãe quer muito;
Primeiro cidadão, Dom Pedro Quinto,
No Throno portuguez a patria illustra,
E da prosperidade lhe abre os cofres,
No regaço da paz e da ventura!...

Merece monumento inda mais alto
Que do Egypto as pyramides famosas,
Maravilha do mundo a mais ingente,
Grandesa colossal da antiguidade;
Mas tem-no já maior na sua patria,
Dentro do coração dos portuguezes,
Da gratidão, do amor, que lhe consagram,
De um Rei o mais querido monumento!...
Tem-no de Portugal no manifesto
Da grande acclamação, que lhe fizeram,
Por sua illustração, suas virtudes!...

E da Prussia no Reino tão illustre,
Tambem o trovador alegre antolha
Um seraphim de paz, oh que princesa!...

Mui sensivel ver não póde
O inclemente caçador,
Devertindo-se, atirando
Ao passarinho na flor!...

Chora, vendo as aves mortas,
Que levavam, no biquinho,
Sustento ás avesinhas,
Aos amores em seu ninho!...

Julga a caça tyrannia,
Que merece compaixão,
Que toque no peito humano
As cordas do coração!...

E se terna não supporta
Uma espingarda a caçar,
Muito menos negra guerra
Ella pode tolerar!...

A seu Deus supplica sempre
Que irmãos sendo os mortaes
Não se incendeiem quaes tigres,
Sempre em furias infernaes!...

Stephania, toda paz, toda clemencia,
Penar não póde ver seus similhantes;
Tem no seu coração da caridade
O divino sacrario aberto sempre;
Princesa é do Céu, de Deus um anjo!...

E que amante da paz é Pedro Quinto!...
Que benevolo Rei!... Rasão lhe sobra,
Porque um monarcha, ainda mesmo ovante
Nas campanhas, lhe custa muito a guerra,

Perdendo os seus soldados, que lhe morrem,
N'um combate de horror, n'um mar de sangue;
Deixando a seu bom Rei tantas saudades,
Quantas aos paes os filhos deixam sempre!...

É endeusado o Rei, que evita a guerra,
E mormente a civil.—Triste espectaculo!...
O irmão matando o irmão, e o pae o filho,
E este o proprio pae!... Hydras do inferno,
Que de louca familia amor sepultam,
Pondo-lhe o sangue ardendo contra o sangue!...

Graças ao nosso Rei, a Pedro Quinto,
Que, por illustração e caridade,
Livrou o reino seu d'este flagello,
Que tantas sepulturas abrir soube,
Cobrindo a Portugal do maior lucto!...

Sabio Rei, virtuoso, Rei humano,
Promovendo a ventura a seus vassallos,
Sustenta sempre a paz, e nunca a guerra;
Dá preferencia á penna sobre a espada!...
Tremula em Portugal sacra bandeira
De amor fraternal, da liberdade!...

E reina tanta paz e liberdade
Agora em Portugal, que todo o povo
Da peninsula, europa, e mundo inteiro,
Seria mui feliz, sendo vassallo
De um Rei tão liberal, tão illustrado!...

Graças ao nosso Rei, a Pedro Quinto!...
Nasça-lhe sempre o dia natalicio,
Do sol com os maiores esplendores,
Mostrando o rosto mais formoso a aurora;

Trinando nos vergeis mimosas aves
Novos cantos de amor, novos gorgeios;
Matisando os jardins mais lindas flores,
Sorrindo a natureza em toda a gala!...
Querido dia, nuncio de delicias,
Jubilo do anno!... sempre n'elle um sabio,
Sempre n'elle um heroe, comece a vida;
Sempre de grande gloria um feito o esmalte!...
Sempre n'elle do Céu o Omnipotente
Do purgatorio tire muitas almas,
P'ra a vida divinal da eternidade!...

E nas margens do Tejo embandeiradas,
Ao som de alegre salva, a mais festiva,
Retumbem de Camões os grandes versos:
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!...

FIM DO CANTO QUARTO

Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!...
CAMÕES.

Paz, celeste harmonia, de Deus filha,
Ventura, que, nas asas da delicia,
Nos elevas ao Céu, que nos encantas,
Nas gratas sensações, que os anjos gosam,
Cantando lá no Céu, na paz divina,
Do Omnipotente Creador a gloria!...

Paz, sacrario dos bens tão venturoso,
De que só a virtude a chave guarda!...
Paz, és de Deus a nuncia milagrosa,
Que os mortaes harmonisas n'este mundo!...
Que doiras o viver com teus sorrisos,
Nos deleites de amor, de amor fraterno,
Creatura do Céu tornando-o homem!...

Mas no mundo o prazer é qual scentelha,
Que annunciar-nos vem o açoite, o raio,
Que a ventura desfaz n'um só momento!...
Que mata uma nação, que mata um povo,
Horroroso sepulchro a morte abrindo!...

D'improviso, adeus, paz, adeus. fortuna,
Adeus, gala e prazer!... adeus, ó jubilo,
Adeus, viver e amor!... adeus, esp'rança!...

Contrista a Portugal tão grande guerra,
Que a tremer os heroes obriga todos!...
Que vence os generaes, vence o soldado,
Que do mundo os exercitos debella,
No campo sepulchral accesa em furias!...
Inimigo, dragão, tenaz flagello,
Da morte em arrayaes medonha peste,
Com espada infernal, matando um povo!...

Que tristeza em Lisboa, que espectaculo!...
Que theatro de horror que os olhos quebra!...
Continuos funeraes, continuo lucto!...
Escancaradas sempre as sepulturas,
Dia e noite, cadav'res recebendo!...

Triste suspira amor, gemendo chora!...
A terna amante perde o par que estima,
Do dia perde o sol, da vida a vida;
A bella esposa o charo esposo perde,
Perde o seu coração, perde a sua alma;
Angustiada mãe perde seu filho,
Perde a joia de amor, ou d'elle o fructo;
O filho perde os paes, perdendo tudo;
Perde alfim um amigo o seu amigo,
D'alma perdendo ou a metade, ou toda!...

Atribulados todos perdem tudo,
Ou já do seu amor, ou da ternura!...
Ficando os vivos mortos de saudade,
Legado de paixão, que lhe deixaram
Do flagello cruel as tristes victimas!...

Todos bradam ao Ceu!... aos templos correm,
Debulhados em pranto, semi-mortos,
Supplicam compaixão, em altas preces,
Prostrados ante o altar do Omnipotente!...

Que enorme mortandade tão horrenda!...
Na mesma sepultura esposo e esposa!..
Todos os filhos seus, toda a familia!...
Do povo oh que morrer, oh que tristeza!...
Morrem grandes, pequenos, morrem todos!...

Ah! parece que Deus do Céu ordena,
P'ra dos homens punir feio peccado,
Que o anjo exterminador, sobre Lisboa,
Ensae em seu clarim o horrivel toque,
Que ha de annunciar de Adão aos filhos
O juizo final, do mundo o extremo!...

Lisboa tão formosa, horrenda fica!...
Seus filhos!... morrem uns, outros succumbem!...
E pallidos desmaiam desgrenhados!...
Morrem vendo morrer a toda a hora!...
Desapparece o commercio, finda a industria!...
Ficando a capital triste deserto!...
Pois quem póde fugir, não corre, vôa!...

Mas Pedro Quinto, Rei todo virtudes,
Da negra epidemia estando livre,
Na linda Cintra, em patrio paraiso,
Paraiso do Céu, de Deus co' as flôres,
Monarcha, todo amor por seus vassallos,
No pungir da paixão regressa á côrte!...
Bom amigo, bom pae, despresa os sustos,
P'ra valer ao seu povo angustiado,
Ou com elle morrer, se for preciso!...

Um throno de festins não faz do throno;
Diadema de prazer não faz da c'rôa;
Um sceptro de gosar não é seu sceptro;
Nem o manto ocioso lhe orna os hombros!...
A purpura, o esplendor, a magestade,
Não o podem cegar, porque é monarcha,
Tão egregio em saber, como em virtude!...

Não é covarde Rei, um Rei indigno,
Que p'ra a vida salvar, tremendo todo,
Ao perigo fugindo, d'elle ao longe,
Se entregue do prazer aos devaneios,
Para o horror dissipar, fugir ao medo,
Nas horas d'afflicção e da amargura,
Inhumano deixando, ao desamparo,
Torturado a morrer seu triste povo!...

Pela sua virtude e sapiencia,
Tem tanto o coração apparelhado,
Para os grandes trophéus d'alta ventura,
Como para o penar na adversidade!...

Na aurora do viver despresa a vida,
Não a quer, não salvando os seus vassallos;
Porque um Rei quando é pae, sendo bondoso,
Deve morrer, vendo morrer seu povo!...

Da patria no altar jura o monarcha,
Pelos manes reaes, tão venerandos,
De sua bella mãe, Rainha excelsa,
Que elle co' a penna, rica em sapiencia,
Soberano do throno decretando,
Com o auxilio do Céu, de Deus clemente,
O inimigo cruel derrotar hade,
Ou monarcha morrer por seus vassallos!...

E lá na Prussia, magestosa e forte,
Stephania tão gentil, soltando a trança,
Perante a ara de amor, de Deus no templo,
De Portugal á grande Padroeira,
Roga amante em suspiros pranteados:

Maria, virgem das virgens,
Rainha, no Céu, dos anjos,
Bella mãe do Redemptor,
Salva, livra os portuguezes,
O povo do teu amor!...

Livra-os do infando flagello,
Da peste, que os amargura,
Das ancias da triste morte;
Clemencia obtem de teu Filho,
Livra-os de penar tão forte!...

Defende-me o caro amante,
Meu querido amado esposo,
Monarcha de Portugal,
Pedro Quinto tão perfeito,
Por seu saber immortal!...

Pelas penas do calvario,
Pelo pranto, que verteste,
Vendo teu Filho na cruz,
Te supplico de joelhos,
Pela morte de Jesus!...

Caridosa acode á patria,
Á patria do meu esposo,
Meu futuro Portugal,
Implora, Virgem, implora,
A teu Filho divinal!...

Dos portuguezes no reino,
Se do Rei eu sou amante,
Do povo tambem o sou;
E Portugal amo agora,
Como inda ninguem amou!...

Mãe de Deus immaculada,
Justa acode aos portuguezes,
Por quem, pelo meu amor,
Perderia a minha vida,
Como morreu o Senhor!...

Querido anjo do Céu, de Deus valido,
No templo, sem cessar, amante implora
Pelo seu Portugal, por Pedro Quinto,
Arfando de paixão seu lindo peito,
Nos suspiros de amor e da ternura!...

E Dom Pedro immortal, contra inimigo
Tão grande, tão medonho, a penna emprega,
Valoroso monarcha commandando
As medidas reaes, que vencer possam,
Livrando o povo seu da negra peste!...

Não dorme, dia e noite, sempre em campo,
Famoso general, bello monarcha,
Pedindo sempre ao Céu, a Deus rogando,
Anima o povo seu, e lhe proclama
Que o homem p'ra morrer nasceu sómente,
E que temendo elle acabar não deve!...
Que a morte receiar só póde o impio,
Que na graça de Deus, louco, não vive!...
Que um Rei deve arriscar a sua vida
Para o povo salvar, morrer por elle,
Como Christo na cruz morreu por todos!...

Que magnanimo Rei, oh que virtude!...
É imagem de Deus elle na terra!...
Merece adoração dos portuguezes,
Cantando-lhe no Céu a gloria os anjos,
Ante o throno de Deus eternamente!...

Caridoso monarcha, dia e noite,
Visita os hospitaes, correndo-os todos;
Do inimigo o contagio não receia,
Com sua regia mão, tirando a luva,
Tacteia as pulsações aos desgraçados,
Que n'um leito de horror victimas gemem!...
Dando-lhes esperança e mór conforto
A presença real do seu monarcha!...

Os symptomas do mal observa attento,
Os tramites crueis da febre estuda;
Honrando a medicina regio medico!...

Com suas expressões tão virtuosas,
Confortando os doentes, sabiamente,
Ora assim:—Caros filhos meus, que préso,
Eis vosso Rei e Pae!... que tudo emprega
Para vos arrancar a tantas penas!...
Pae que vos ama, e por extremo estima,
Que a vida perderia de bom grado
Para a vossa livrar!... Na juventude
Muito menos morrer lhe custaria,
Do que ver-vos soffrer tanto martyrio!...
Mas tende fé em Deus, toda a esp'rança,
Que é Deus de redempção, todo clemencia,
Que por nós expirou crucificado,
Para nos libertar tão peccadores,
P'ra nos abrir do Céu divinas portas!...
Beijai a cruz, meus filhos, meus vassallos,

E de alma acreditae seu sacrificio!...
Sim, tende fé em Deus, toda a esperança,
Que elle vos salvará!... Coragem, filhos!...
A morte é a pensão, que todos pagam!...
Morre o pastor e o Rei, até Deus morre!...
E a vida é sempre a morte, e a morte a vida!...
A vida é sempre a morte de amargura,
Que a alma nos inferna n'este mundo!...
E a morte é sempre a vida jubilosa,
Que entre os anjos no Céu o justo gosa
Na presença de Deus eternamente!...
Religião!... adeus, queridos filhos!...

Oh! que endeusado Rei, oh que virtude!...
Ardendo em fé, acceso em esperança,
Elle crê tanto em Deus, amando-o tanto,
Como o crente Abrahão immolar sabe
Ao divino Creador, Todo Pod'roso,
Sangue do sangue de seu corpo o corpo,
E de sua alma toda alma querida,
O amor de seu amor, Isaac, seu filho!...

Em tão grande campanha Pedro Quinto,
Empenhado de amor por seus vassallos,
Não dorme, não descança, é sempre álerta;
Promovendo em tudo quanto possa,
De prompto debellar negro inimigo,
E attenuar de horror os tristes quadros,
Consequencias crueis do mór flagello,
Que enlucta a capital, Lisboa opprime!...

Generoso monarcha no seu paço,
Abre os cofres reaes á caridade,
Bella filha do Céu, que lhe orna a c'rôa!...
Dadíva, todo amor, dinheiro immenso,

De oiro immensa porção, e prata immensa,
A fim de soccorrer os desgraçados,
Martyres do dragão da negra peste!...

Soccorrendo a viuva, orphãos soccorre,
Abrasado do amor da caridade,
Não deixa que ninguem perdido fique;
Amparar manda todos que precisam,
Como extremoso pae, que acode aos filhos,
E na hora da afflicção lhes vale sempre!...

Elle acode á viuva, acode ao orphão,
Com tanto int'resse, dó, amor, desvelo,
Como se ella a mulher de um bravo fosse,
Que pela patria e Rei perdeu a vida;
E como se elles fossem tambem filhos,
Do soldado, que defende a liberdade,
Que em feitos de valor, de toda a gloria,
N'uma batalha heroe morre por ella!...

De Deus alto attributo, ó caridade,
Das virtudes rainha tão bondosa,
Que o terno coração encantas sempre,
De bens celestiaes, de Deus co'as graças,
Quando o irmão ao irmão no mundo acode!...
E que maior prazer, maior ventura,
Para uma alma sensivel, n'esta vida,
Do que valer ao infeliz, que geme,
Da miseria nas penas, na tristeza,
Os objectos de amor perdendo todos!...

Caridade, virtude das virtudes,
Tens o throno no Céu, de Deus no throno!...
Tens o sceptro na terra e o diadema
De Pedro Quinto no famoso solio!...

Mas que mal tão cruel, tão traiçoeiro!...
E não existe quem mata-lo possa!...
Na guerra morre o homem, perde a vida,
Arrancando o viver, matando os outros;
Mas n'este guerrear fica vencido,
Prisioneiro cadaver no sepulchro,
Sem damno algum causar ao inimigo!...

Antes a grande guerra, horrivel guerra,
Que, pelo amor de uma mulher, de Helena,
Em chammas de furor arrasa Troya!...
Antes trezentas náus, surtas no Tejo,
Bombeando Lisboa, dia e noite,
Da cidade arrasando os edificios;
Antes quarenta exercitos potentes,
Sobre todos os cáes desembarcando,
De Portugal na tão formosa côrte;
Antes um invasor, um homem tygre,
Com tropas collossaes, ardendo em furias,
A nossa capital acommetesse,
Para obter a conquista promettendo
A seu soldado o saque, a honra e vida
Dos cidadãos... não valeria nada!...
Não importava!... aos portuguezes todos
Sempre sobra o valor, sempre o heroismo,
Para desbaratar seus inimigos!...

E qual Napoleão, do mundo assombro,
Soldado sem rival, primeiro d'elles,
Em Austerlitz, na acção a mais brilhante,
Com a espada no punho, heroe guerreiro,
Á frente de phalanges laureadas,
Dos valentes dragões do seu exercito,
Semi-Deus nas victorias glorioso,
Commandando immortal altas manobras,

Dom Pedro Quinto a rica penna empunha,
A arma da illustração, e da virtude,
Da caridade general á frente,
No campo da oração, a Deus pedindo,
Corajoso monarcha, contra a peste,
Que causa a destruição de seus vassallos,
Para veloz a destróçar ovante,
Ou morrer soberano por seu povo,
No gran fogo de amor, que á patria vota!...

E nas margens do Tejo embandeiradas,
Ao som de alegre salva, a mais festiva,
Retumbem de Camões os grandes versos:
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!...

FIM DO CANTO QUINTO

CANTO VI

A POMBA

E que do Céu á terra em fim desceu,
Por subir os mortaes da terra ao Céu!...
CAMÕES.

Celeste talisman, que a humanidade
Não deixas succumbir do mal nas penas,
Ancora do viver, forte em virtude,
Que no triste oceano da existencia,
Nas ondas da amargura tormentosas,
Seguras ao mortal a vida incerta!...
Que fazes do infeliz findar as magoas,
Sorrindo-lhe a bonança da ventura,
Depois da tempestade da desgraça!...
Esperança do Céu, fogo divino!...

Ajoelhado a teus pés, doce esperança,
E bardo em teu altar, até á morte,
Teus hymnos cantarei na minha lyra!...

Constante salvação de todo o mundo,
Ó esp'rança do Céu!... que os homens guardas
De fracos, na afflicção, caírem mortos!...
Que um povo, uma nação findar não deixas
Nas garras do dragão raivoso em peste!...

Querida ave do Céu, formosa pomba,
Que em triste funeral, em triste lucto,
Da excellente Rainha tão amavel,
De Maria Segunda tão chorada,
Déste consolação aos portuguezes,
Sobre a c'rôa real poisando alegre!...

Mensageira do Céu, por Deus mandada,
Que vieste a Portugal dizer ao povo,
Tão perdido de dor e de martyrio,
Que nunca da agonia em duras vascas,
Esmorecer devia em sua patria;
Porque constante Deus olha por elle,
Como povo do amor do Omnipotente,
Que deixa no logar de mãe tão bella,
Rainha sem rival entre as Rainhas,
A seu filho real, Dom Pedro Quinto,
Dos dotes maternaes primeiro herdeiro,
Que da patria fará toda a ventura!...

Gloria á pomba do Céu tão milagrosa,
Que veiu radicar, com força ingente,
No peito portuguez o sacro fogo
Da esperança do Céu, da fé tão santa!...

Gloria á pomba do Céu tão milagrosa,
Que fenecer não deixa os portuguezes
Na saudade de amor suppliciados,
Vendo a sua Rainha no ataúde!...

Gloria á pomba do Céu tão milagrosa,
Que livrou de acabar Lisboa inteira
Nas furias do dragão, medonha peste,
Predilecto de Deus, Dom Pedro Quinto,
Contra ella sempre em campo, heroe monarcha!...

Mas oh! doce prazer, meiga ventura!...
Lyra do trovador, todas as flôres
Da gala e da alegria, no teu canto!...
Que do flagello acaba a horrenda guerra,
E leda volve a paz á nossa patria!...

Graças ao Redemptor, ao Rei dos anjos,
Graças ao immortal Dom Pedro Quinto,
Typo de illustração e da virtude
Que cinge a c'rôa da maior victoria,
Excedendo os guerreiros mais famosos,
Do flagello livrando os seus vassallos!...

O theatro de horror as scenas fecha,
Ostentando Lisboa jubilosa
Os quadros do prazer, do riso as galas!...

Do martyrio o horror, do susto a pena,
As ancias de morrer no horrivel leito,
Terminaram em fim!... resuscitados
Parecem todos, e os parabens se trocam!...

Jubilosa a esposa abraça o esposo,
E elle em mimos de amor lhe paga amante;
Louca em prazer a mãe correndo ao filho,
C' osculos maternaes mata-o de gosto,
Trocando-lhe elle os beijos por seus beijos,
No affecto filial, todo alegria;
O amigo busca o amigo mui contente,
Que encontra de ventura extasiado,
Abrindo-lhe os seus braços jubiloso,
Para n'um forte abraço elles juntarem
Peitos e corações, unindo as almas!...
Sorri amor, sorrindo a amisade,
Nas delicias do Céu, que Deus concede!...

E na frente do altar, no augusto templo,
Dom Pedro Quinto, o Rei, ajoelhado,
Ao Rei dos Reis, Monarchà do universo,
Senhor da terra e Céu, dos elementos,
A maior gratidão, todas as graças,
Tributa!... de prazer banhado em pranto,
Vendo livre o seu povo do flagello!...
Tendo tão forte, tão subido jubilo,
Que expirar de prazer o risco soffre,
Amante soberano dos vassallos!...

Depois do temporal o mais terrivel,
Que apresenta no mar a sepultura
Ao nautico infeliz, presa das vagas,
Entregue aos furacões, entregue á morte,
A bonança maior, a vida certa,
Não o enche de prazer com maior dita,
De que experimenta o Rei dos portuguezes,
Da morte tendo o povo libertado!...

O extremoso pae, que de improviso
Vê seu filho chegar de longa guerra,
Que, pela patria e Rei, traz cheio o peito
De condecorações, de cicatrizes,
Não tem mais regosijo, quando o abraça,
No regaço da paz, no lar paterno,
Do que tem o monarcha que nos rege,
Divisando os vassallos, os seus filhos,
Livres de guerrear em triste campo,
Nas delicias da paz e da ventura!...

Oh! que força de amor El-Rei consagra
A todo o povo seu!... morre por elle!...
Ah! mais bondoso Rei haver não póde!...
Por dever, portuguezes, lhe erijamos

De toda a gratidão o maior templo,
E nossos corações as aras sejam!...

Em quanto dos botões saírem rosas;
Em quanto as lindas aves adejarem;
Em quanto lá no Céu anjos houverem;
Sempre o seu regio nome, e real fama,
Hão de permanecer em todo o seculo!...

Da ventura a raiar a aurora torna,
Em nossa bella terra, ó portuguezes!...
E satisfeito El-Rei, Dom Pedro Quinto,
Vendo a resurreição da patria sua,
O jubilo lhe augmenta, esp'rança e gloria!...

Do Omnipotente Deus no templo augusto,
Amante vae jurar, grande monarcha,
O mais sagrado amor!... a quem?... a um anjo!...
A Stephania gentil como a virtude!...

É tão formosa Princeza,
Que no Céu nenhuma estrella
Lhe chega á sua belleza!...
No jardim nenhuma rosa
É tão linda e tão formosa!...

É da Prussia a perfeição,
Tem encantos, dotes d'alma,
Que excedem toda a expressão!...
Cante pois, em seu louvor,
Respeitoso o trovador!...

Joia do Céu, bella flôr,
Que do throno da virtude
Nos manda nosso Senhor!...

Mimo de Deus, é um anjo,
Ou inda mais—um archanjo!...

Candida pomba immortal,
Que do Céu traz jubilosa
Graças para Portugal!...
A paz, a prosperidade,
Delicias, felicidade!...

Da egregia illustração bella Princeza,
Flôr, em virtude, a mais gentil da Prussia,
Cujo throno real occupam hoje
O quarto Frederico, Rei prestante,
E a tão digna Isabel, sua consorte,
Conjuges tão reaes, do Céu c'os dotes!...

Que monarcha!... deixar quer em seu reino
Garantia de amor aos portuguezes!...
Bello filho real, que o pae imite,
Em toda a perfeição, toda a virtude!...
Que da civ'lisação empunhe o sceptro,
Com disvello e saber, vontade tanta,
Que digno successor do pae se ostente,
Em seu throno immortal, na sua patria,
Dando honra a Portugal, dando-lhe gloria!...

E ao thalamo de amor oh! que belleza
El-Rei soube escolher, ditoso em tudo,
P'ra segurar a regia prole sua
Á inclita nação, que lhe deu berço,
Dando-lhe o diadema, do Céu c'rôa,
Por sua illustração, sua virtude!...

A perola do Céu, bella Stephania,
Princeza sem rival entre as Princezas,

Um coração de pomba, uma alma d'anjo,
Da virtude primor o mais celeste,
Um thesouro de Deus cheio de graças!...

Oh! de Stephania e Pedro os filhos todos,
Não podem desmentir seus paes tão dignos;
Porque de troncos dois tão virtuosos,
Saír só podem da virtude ramos,
Da virtude do Céu, que um Deus approva!...

E que prazer, que alegria, e gala,
Do nosso Portugal em toda a terra,
O consorcio real esp'rando todos!...
Ao povo, firme amante do monarcha,
De demora par'cendo cada dia
Um mez, um anno, a eternidade inteira!...

O virtuoso Rei, que acode sempre,
Na hora da afflicção, a seus vassallos,
Chorando como pae sua desgraça,
Nos momentos crueis da desventura,
Encontra-os a seu lado lacrimosos,
Como filhos leaes, que a seu pae valem;
Sendo d'elle o flagello a morte d'elles;
De seu monarcha participam tanto
A ventura real, quanto elle gosa,
Transportado em prazer, vendo-os ditosos.
D'esta fórma communs são os desgostos,
E communs o prazer, toda a delicia,
Entre Rei similhante e seus vassallos!...

Não maravilha pois que os portuguezes
Mostrem tão grande int'resse e enthusiasmo,
No consorcio real do seu monarcha,
Que pelo affecto e amor, que lhes tributa,

Tem hoje todo o jus á sua estima,
Amor, veneração, e alto respeito!...

E toda a capital do nosso reino
Os festejos reaes prestes ordena,
Co'a maior pompa, desvelado esmero,
Na esp'rança do prazer arfando todos,
Abrasados de amor e enthusiasmo,
C'o consorcio real de seu monarcha,
Que em cada coração dos portuguezes
Throno de gratidão encontra sempre,
Docelado do Céu pelas virtudes!...

Tão grande é o prazer, tão grande o jubilo,
Que não ha lingua, nem pincel, nem penna,
Que descrever condignamente o possa!...

Assim como no mundo existem magoas,
Que o peito do mortal affligem tanto,
Que definir-lhe do tormento a força
A victima, que as soffre, nunca póde,
Muito embora se queixe a toda a hora;
Ha tambem um prazer tão forte e grande,
Que ainda que digamos d'elle muito,
Não exprimimos nada a seu respeito,
Pois os mimosos bens, que lhe acclamâmos,
Nem um reflexo são dos bens celestes,
Que, na hora da ventura extraordinaria,
Um Deus nos faz provar cá sobre a terra!...

Que regosijo, ó Céu, nos portuguezes!...
Parece em Portugal que os filhos todos
Á ara conjugal amantes sobem,
Nos transportes de amor e da ventura,
Excelso casar indo o seu monarcha!...

E sobra-lhes rasão, que Pedro Quinto,
De seu reino a favor celebra amante
Seu consorcio real, c'uma Princeza
Digna de se assentar no regio throno,
Aonde sua mãe mostrava o sceptro,
O sceptro liberal e o diodema
Esmaltados do Céu pelas virtudes!...

Bella Stephania,
Do Céu alteza,
Toda virtude,
Toda belleza!...

Mimo celeste,
Mimo de amor,
De Pedro Quinto,
Rei amador!...

Desculpa o vate,
Por compaixão;
Que ajoelhado
Pede perdão!...

Lyra não tem
O trovador,
Que chegar possa
Ao teu louvor!...

Cantar só sabe,
Tua virtude
De anjo enflorado
Sacro alaúde!...

E quem avaliar acaso póde
Tua gloria immortal?... o Omnipotente!...

Adorna-se de Deus o ingente templo,
Com mór grandeza, pompa e magestade;
Preparam-se tropheus, triumphaes arcos;
Fazem-se com primor, e immenso gosto,
Symbolicos de amor formosos quadros;
Todo o sexo gentil grinaldas tece,
Nos mimosos jardins colhendo as flores;
Ensaiando-lhe os bardos no alaude
Magestosas canções da poesia,
Abrasados de amor e enthusiasmo
Por sua patria, Rei e liberdade!...

Mas que grande prazer e que alegria,
Exprimem no seu rosto os portuguezes,
Transbordando-lhes, Céus, a alma em jubilo!...

N'um dia abençoado pelo Eterno,
Dia de flores, e de graças dia,
O consorcio real é celebrado,
Na famosa Berlim, com toda a pompa,
C'o maior esplendor e magestade;
Echoando no templo sacrosanto
Do virtuoso amor formosos hymnos!...

Stephania, excelsa Princeza,
Rosa toucada de rosas,
Ante a ara do Redemptor,
Ao querido amante jura
Terno affecto, o seu amor!...

Jura-lhe encantar a vida,
Que não existe no throno
Um monarcha mais ditoso,
Pois para a sua ventura
Dotes lhe deu Deus bondoso!...

Que a dotou de mil virtudes,
De gloria, graças divinas,
Como no Céu dota archanjos;
Como de seu alto solio
Costuma dotar os anjos!...

Jura-lhe que fará sempre,
D'elle ao lado sobre o throno,
A gloria de Portugal;
Porque é angelica pomba,
Filha do Céu divinal!...

Que os seus portuguezes sempre,
Como mãe, como Rainha,
Ha de amar com todo o amor,
Casando as suas virtudes
Co'as do esposo, d'ellas flôr!...

E apaixonado amante, Pedro Quinto,
Ancioso de amor a esposa aguarda,
Para no regio paço, sobre o throno,
Paraiso do Céu gosar na terra;
Sob o rico docel da magestade,
Divisando do Céu sentado um anjo,
Illustrada Rainha, e tão piedosa,
Decantada no Céu pelas virtudes!...

E o povo portuguez applaude amando,
O desejo real do seu monarcha,
E anhela tanto ver a esposa d'elle,
Como ver boa mãe desejam filhos;
Anhelam vê-la tanto os portuguezes,
Porque acreditam todos, que a virtude
De Maria Segunda se apresenta,
Em Stephania Primeira, do Céu pomba,

Rainha em Portugal, de Pedro esposa,
Que a ventura fará da patria sua,
Vencendo sua gloria toda a fama!...

Alegre trovador, canta o consorcio
Do virtuoso par, dos teus monarchas,
Ligados pelo Céu com doces laços;
De tua patria canta o regosijo;
Do seio d'alma, por ti, decanta o jubilo,
Nas primorosas cordas da verdade,
Na harmonia de amor e enthusiasmo,
Incensando teu Rei, tua Rainha!...

E sincero é meu canto, ó portuguezes,
Meus versos serão pobres, mas não falsos,
Lisonjear o crime nunca podem,
Nem de um monstro exaltar os negros feitos;
Minha lyra á virtude é consagrada;
Sómente cantarei, até á morte,
Verdadeiro valor que tenha gloria!...

Se algum despota Rei, se algum tyranno,
Unindo-se a uma furia, propria d'elle,
Quizesse um trovador para o consorcio,
Inda que triste escravo d'elle fosse,
Nem um verso de mim alcançaria!...
E obtendo a liberdade, se o cantasse,
Queria a escravidão, morrer em ferros,
Epopea tão vil jámais faria;
E se á sua presença me chamasse,
E oiro me promettesse, premios, honras,
Para o cantar, tornava-lhe em resposta:
Rejeito tuas joias, teus thesouros,
Tuas honras, que infamem quem as gosa,
N'um supplicio cruel eu perca a vida,

Mas a deshonra não me manche a lyra,
Cantando o despotismo e a tyrannia!...

Eu canto da virtude os bellos filhos;
Canto um Rei immortal, nosso monarcha,
Da grande illustração brilhante facho!...
Canto a gentil Rainha virtuosa,
Stephania, que é do Céu querida pomba,
Na pureza, no amor, nas graças todas!...

D'estes conjuges dois tão virtuosos,
Seu consorcio real jucundo eu canto,
Do prazer nos transportes e alegria;
Tendo a pena maior, a maior magoa,
De não ser, qual Camões, divino vate,
Para em versos do Céu, de Deus em hymnos,
N'alta tuba espalhar com toda a fama,
Por toda a terra e mar, pomposamente,
Seu celeste louvor, eterna gloria!...

Que Rainha immortal, do Céu que mimo!...
Em todos os jardins um monumento,
De flôres um padrão, á sua gloria!...
Cantando nos rosaes candidas aves,
Em gorgeios de amor, sua virtude!...
Da patria sobre o altar a imagem d'ella,
Em thurib'lo d'amor ardendo incenso,
De sua gloria em honra a toda a hora,
Em cada coração uma ara tenha,
No peito portuguez eternamente!...
Em cada estrella tenha o nome escripto.
Com as letras do Céu, com que anjos traçam,
O nome do Creador, do Omnipotente!...

Mas que ouve o trovador!... que grande salvas!...

Oh! que salvas reaes!... que alegres hymnos!...
Que enflorados baixeis em todo o Tejo!...
Que jubilosos vivas, no ar retumbam!...
Oh! é ella!... é Stephania!... é a Rainha!...
Bella esposa immortal de Pedro Quinto!...

Que celeste prazer, que enthusiasmo!...
Como em verde vergel se enlaçam folhas,
Como em lindo jardim se casam flôres,
Jubilosos de amôr os portuguezes
Se abraçam, nos transportes da ventura,
Parabens dadivando uns para os outros,
Chorando de prazer, mil graças dando
Ao seu Deus, Rei dos Reis, ao Ser Supremo!...
Ao Monarcha dos Céus, ao Deus de Ourique!...

Salve, bem vinda Princeza,
Joia do Céu enviada,
Do nosso Rei sobe ao throno,
Que da patria és adorada!...

Viva Stephania
Real, real!...
Bella Rainha
De Portugal!...

Se elle ingente cinge a c'rôa
Da celeste illustração,
Deu-te Deus o diadema
Da virtude e perfeição!...

Viva Stephania
Real, real!...
Bella Rainha
De Portugal!...

Elle é heroe tão famoso,
Dos monarchas o primor,
E tu excelsa heroina,
Das Rainhas és a flôr!...

Viva Stephania
Real, real!...
Bella Rainha
De Portugal!...

C'o regio Pedro, Stephania,
Do solio do puro amor,
Derrama sobre o teu povo
As graças do Redemptor!...

Viva Stephania
Real, real!...
Bella Rainha
De Portugal!...

De prazer exultemos, portuguezes,
Acclamando co' amor nossa Rainha!...
E todo o regosijo, gala e pompa,
Não bastarão, e só serão a prova
De celeste louvor, que ella merece!...

Se de Dom Pedro a mãe, grande Rainha,
Subio em gloria ao Céu, pomba em virtude,
Outra pomba de Deus tão virtuosa,
Enviada do Céu ao mundo desce,
E occupa o seu logar no excelso throno,
Como esposa immortal do bom sob'rano,
Espelho em Portugal dos Reis do mundo!...

Termina trovador, mais não prosigas,

Que o consorcio real dos teus monarchas
A fama o espalha no universo inteiro,
Ante o throno de Deus cantando os anjos
Hoje de Portugal a eterna gloria!...

E ao throno portuguez, eu ajoelhado,
Amnistia real supplico amante
Do pobre trovador, na pobre lyra,
Sublime não obter, em cordas d'oiro,
De regio seu empenho, excelso assumpto,
Toda a grandeza, pompa e magestade!...

E conto c'o perdão dos meus monarchas,
Que por bondade sua tão celeste,
De seu augusto throno da virtude,
Estes versos me acolham mui benignos,
Como Deus, Rei dos Reis, aceita sempre,
Do solio divinal da eterna gloria,
Ao maior peccador sua homenagem!...

E nas margens do Tejo embandeiradas,
Ao som de alegre salva, a mais festiva,
Retumbem de Camões os grandes versos:
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!...

FIM